

# A BORBOLETA

## D. FRANCISCO MARIA TUBINO

Foi recentemente recebido na Academia de S. Fernando o notavel archeologo hespanhol D. Francisco Tubino, cujo nome é uma gloria do visinho reino.

Redige actualmente a revista madrilena *La Academia*, editada pelo emprehendedor industrial D. José Gil Dorregaray, e periodico destinado a registrar o movimento litterario e scientifico da peninsula, á semilhança do que tentaram fazer em Portugal a antiga *Revista Peninsular*, a *Revista Occidental*, e outros jornaes menos considerados.

D. Tubino, figura com distincção ao lado de D. Juan Valera, D. Pascual de Gayangos, Hartzemburch, e Amador de los Rios. A sua critica é sensata, erudita, e conscienciosa, como a destes.

Nasceu em 1833 na cidade de Roque, provincia de Cadix. Entrou na vida publica em 1854, filiando-se logo no partido democratico, e entrando para a redacção da *Soberania Nacional* do malgrado escriptor e diplomata Xisto Camara, muito conhecido em Portugal pela sua *Memoria* ácerca da Iberia, prefaciada pelo snr. Latino Coelho.

Alem d'aquelle jornal escreveu nesse anno noutro diario democratico de Madrid, o *Ade-lante*, e na *Civilisation* de Sevilha.

Em defeza dos mesmos principios democraticos se encarregou da direcção da *Palma de Cadix*, que conservou até pouco antes da dissolução das constituintes. Simultaneamente publicava uma revista semanal de sciencia e litteratura sob o titulo de *Emulacion*.

Em 1858 passou a Paris, onde fixou residencia, cultivando a amizade d'alguns *positivistas*, a do economista Garnier e a de Proudhon, decidindo-se pela escola d'este. N'este sentido fez ali importantes estudos scientificos e litterarios.

Em 1859 creou-se em Sevilha o diario independente *La Andalucia*. D. Tubino foi encarregado da direcção, e para esse fim deixou Paris. Foi n'este jornal, que o eminente critico se declarou francamente pelas ideas republicanas federaes. Em politica é este o caracter de D. Tubino. Foi aquelle periodico o primeiro que secundou a revolução de setembro.

Em 1860 tomou parte, como voluntario, na guerra da Africa, não abandonando o exercito senão quando se restabeleceu a paz. Pelos seus feitos militares recebeu a cruz de Carlos III.

As suas chronicas da Africa foram nesse tempo reproduzidas em muitos periodicos. De Marrocos trouxe uma selecta collecção de codices magrebinos, que cedeu em beneficio da juventude das escolas superiores, e á cerca dos quaes escreveu mais tarde uma curiosa *Memoria*.

Com entranhavel amor pelo estudo se dedicou depois a investigações da litteratura pa-

tria, ampliando conjunctamente os seus conhecimentos philosophicos, já na litteratura dos bons livros, já em viagens scientificas pela França, Italia, Inglaterra e Allemanha.

A D. Francisco Tubino se deve um serviço incalculavel. Póde dizer-se, que foi elle o primeiro vulgarizador na peninsula dos estudos pre-historicos. Com este fim escreveu innumeraveis artigos; fez conferencias publicas; e realisou muitas excursões. Algumas das suas memorias foram publicadas por ordem real na *Gazeta de Madrid*.

(Continúa)

Viscu—1877.

J. SIMÕES DIAS.

Meu caro Dias Freitas

Permitte-me que apresente aos illustrados leitores da tua *Borboleta* um novo collaborador, moço de apreciavel talento, filho da moderna geração, e assás conhecido no nosso mundo litterario.

O auctor da poezia—Mater—modesto como todos os privilegiados do Genio, ao mimosear-nos com as suas lucubrações litterarias, costuma ainda hoje occultar-se sob um pseudonimo—*Carlos de Negreiros*.

Quem ha que o não tenha lido? Quem uma só vez sequer não sentiu vibrarem-se-lhe as cordas da alma, ao ouvir as mimosissimas estrophes de Alfredo Carvalhaes? Ninguem!

Está feita a apresentação, agora, meu Dias Freitas, commenta-o e avalia-o.

Teu affectuoso am.º

TEIXEIRA DE CARVALHO

MATER

Ser mãe é ser ditosa entre as ditosas,  
Ter na fronte uma aureola do Senhor;  
Pisar um solo rescendendo rosas,  
Possuir a essencia do singelo amor;

E' ter consolações para quem soffre  
No crime, na viuvez, na orphandade;  
Ser mãe é ser o bem, é ser um cofre,  
De paz e amor, virtude e caridade.

Vê como és grande e santa e nobre e boa,  
Pallida obreira da futura idade;  
Sobre a c'roa do amor, mais alta c'roa,  
—Ao lado o berço, ao longe a humanidade.

Porto

ALFREDO CARVALHAES,

## CARTAS BIBLIOGRAPHICAS

(Conclusão)

## VI

N'alguns dos exemplares da *Vida de S. Theotonio*, falta o retrato do sancto prior de Sancta Cruz de Coimbra, filho egregio d'esta provincia do Minho.

Dá-se assim—com esta obra de *D. Timotheo dos Martyres*—o que se dá frequentemente com outras obras analogas—como sabem os cultores dos estudos bibliographicos.

Pela falta de menção, que n'este sentido ha nas *Cartas Bibliographicas*; supomos não possuir este retrato o nosso *Fernandes Thomaz*, em nenhum dos exemplares que tem.

No caso de o possuir, de certo não ommittiria esta circumstancia bibliographica o nosso distincto amator.

## VII

Este retrato do sancto filho da aldea de Tardinhade na frèguezia de Ganfei—á nordeste da praça de Valença—é obra do nosso grayador *João Gomes*, de quem igualmente é o retrato de Sancto Agostinho, anexo ao *Breve Exemplar* do mesmo *D. Timotheo dos Martyres*:—obra famigerada entre nós, por impensado asserto do nosso finado *Innocencio* no *Diccionario Bibliographico*, ousando negar-lhe a existencia.

Dá-se o artista a conhecer, no fundo de cada retrato, assignando-se n'elles a um canto por esta fórma: *J.º Gom.*

## VIII

Na *Vida e Martyrio de Sancta Quiteria*, escripta pelo Padre Pedro Henriques d'Abreu—obra nada vulgar de 1651—assigna-se o mesmo artista, n'uma gravura no meio do rosto, por est'outra fórma a um canto ainda: *João (sic) Gome (sic).*

A comparação d'estas gravuras entre si, não póde deixar duvidas no espirito, em relação á procedencia d'um mesmo buril:—apesar da singularidade da expressão do nosso *João* com a abreviatura *J.º*, composta das duas letras extremas.

## IX

Na *Lista d'alguns Artistas Portuguezes*, devida á penna do nosso nunca esquecido *D. Fr. Francisco de S. Luiz*, acha-se

ommissa a indicação dos dois alludidos retratos:—o que prova não os ter visto o nosso erudito finado, nos exemplares de *D. Timotheo dos Martyres*, que sem duvida manusearia alguma vez.

Não ommittiria de certo esta especie o egregio filho de Ponte do Lima—no seu trabalho prestimoso—uma vez que lhe passassem pela vista os dois retratos.

## X

São de sobra as indicações esboçadas, para os amadores bibliographicos podêrem aquilatar o trabalho valioso, de que lhes damos aqui noticia gostosamente.

Desejariamos poder alongar-nos—em relação a cada uma das *cartas* de que não fallamos—tanto ao menos quanto nos alongamos em relação á *carta 2.ª*

Não o permittiria no entanto a indole da *Borboleta*, semanario de litteratura amena, em que só por excepção restricta podem ter cabida alguns artigos d'outra indole.

## XI

Fechamos por isso aqui esta nossa noticia, lembrando ao distincto bibliographo lousanense a rectificação d'um lapso de memoria.

E' que o nosso finado *Innocencio*, no *Diccionario Bibliographico*, ommitte a indicação que o nosso amigo lhe attribue, da 2.ª edição da *Vida de S. Theotonio*, escripta pelo conego cruzio *D. Joaquim da Encarnação*—filho illustre aqui do Minho, como nascido na villa de Barcellos.

## XII

Receba o nosso *Fernandes Thomaz* os nossos agradecimentos publicos, pelo exemplar das *Cartas Bibliographicas* de que se dignára fazer-nos presente, para enriquecermos com ella a nossa bibliotheca:—e disponha francamente d'este nosso amplo e selecto repositorio de livros, consultorio patente sempre a todos os cultores das lettras.

No § IV d'este nosso artigo—onde está impresso | *Coimbra*, & | *natural da mesma Cidade.* | deve lêr-se d'este modo | *Coimbra*, & *natural da mesma Cidade.* |

Braga.

PEREIRA-CALDAS.

## INFLUENCIA

Quando o albor da madrugada  
Se vê ao longe romper  
Como um sorriso de fada,  
E seus lumes reverbera  
No manto que a primavera  
De flores anda a tecer;

Acorda então a floresta;  
Ouve-se um brando rumor,  
Sons d'harmonia e de festa.  
A' luz que doira as collinas  
Casam aves peregrinas  
O seu canto inspirador.

Escuta, casta deidade:  
E' todo o meu coração  
Silencio, trevas, saudade,  
N'esses dias d'amargura,  
Em que a vista te procura  
Sempre, sempre... mas em vão!

Mas quando a luz de teus olhos  
Vejo mimosa raiar,  
Em rosas mudo os abrolhos;  
E em meu peito em plena vida  
Oigo a voz desconhecida  
D'um rouxinol a cantar.

Barca.

ALBERTO CRUZ.

## SANTAREM ILLUSTRADA

Ignacio da Piedade e Vasconcellos, o auctor dos *Artefactos symetricos e geometricos*, publicou em 1740 a sua *Historia de Santarem Edificada*, constante de dois volumes em folio.

De parte a linguagem, pouco para imitar, não fazendo cabedal da pouca e frouxa critica da obra no tocante aos factos, contêm ella muitas noticias sobre a predilecta dos Islamitas, que de balde toparemos n'outra parte.

E' Santarem digna de um trabalho archeologico serio, pelo muito que allí existe ainda hoje, não só da epocha romana, mas da arabe e da portugueza primitiva.

Sem poder elucidar cabalmente um ponto que se me offerece sobre o assumpto, noticiarei aos leitores uma obra manuscrita, que tenho presente, (pena é que incompleta), a qual, ou seria escripta com o fim de melhormente tratar o assumpto, ou seria talvez a mesma obra de Ignacio da

Piedade e Vasconcellos, dada á luz com o titulo indicado.

Contêm o manuscrito 8 capitulos em 67 folhas, com o titulo de *Santarem Illustrada*. Cuidadosamente calligraphado este manuscrito, tem, é certo, alguma semelhança no estylo com a obra de Vasconcellos; mas tanto differe no mais, que me não attrevo a afirmar, se os cadernos que vejo, pertenceriam a uma obra totalmente diversa, ou se fariam parte do manuscrito da *Santarem Edificada*, quando seu auctor a andasse escrevendo.

O esmêro e egualdade da escripta, que não costuma haver em trabalhos preparatorios; e, sobretudo, a differença na textura da obra; inclinam-me á duvida, e a não poder decidir o caso.

Noticiando aos bibliographos este manuscrito, terminarei pela confrontação dos titulos dos cinco primeiros capitulos:

Da *Santarem Edificada*:

Capitulo 1.º—*Em que se expõe o principio e fundação d'esta villa.*

Capitulo 2.º—*Da descripção do sitio da villa de Santarem.*

Capitulo 3.º—*Em que se prosegue a mesma materia do passado.*

Capitulo 4.º—*Como diversas nações se senhoriam d'esta villa de Santarem, e como foi tirada do poder dos mouros por elRei Dom Affonso Henriques.*

Capitulo 5.º—*Como a elRei Dom Affonso Henriques e aos seus portuguezes lhe appareceram alguns signaes &c.*

Da *Santarem Illustrada*:

Capitulo 1.º—*Descreve-se a nobilissima villa de Santarem, sua antiguidade e grandeza.*

Capitulo 2.º—*Conta-se o martyrio de Santa Iria que deu o nome a Santarem.*

Capitulo 3.º—*Descrevem-se os muros, torres, portas, bayrros & fontes desta nobilissima villa.*

Capitulo 4.º—*Tocam-se as graças, izenções & privilegios de q. esta villa foi enriquecida.*

Capitulo 5.º—*Trata-se da batalha, etc.*

Fôra melhor mostrar tambem excerptos d'aquelles capitulos, por melhor se ajuisar depois da comparação; mas, não o permitem as dimensões d'esta folha.

Assim, registre-se a existencia da incompleta obra, que vejo diante de mim, porque de todo se lhe não perca a memoria, quando se não possa achar a continuação.

A'cerca do autor, nem uma palavra se

colhe do ms., pois que não tem prologo, advertencia, ou qualquer outro escripto prévio.

O actor mostra vasta erudição nas muitas notas marginaes.

Evora.

A. F. BARATA.

### A CARIDADE

*Poesia recitada em um dos beneficios a favor dos inundados, que ha pouco se effectuou na cidade do Porto.*

Ha nos abysmos da fome,  
E nos antros da miseria,  
Uma flor, a flor etherea,  
Que esparge arômas a flux.  
Tem uns aljofres sublimes  
Por sobre as folhas singelas;  
As petalas são d'estrellas,  
E tem calices de luz.

Deus lhe chamou—CARIDADE—  
E disse: «Vae pelo mundo!  
«Cresce no abysmo profundo,  
«Busca os recantos da dôr!  
«Eu fiz-me em c'rôa d'espinhos  
«Por cada homem que chora.  
«Tu faz dos prantos aurora,  
«Porque eu te abenço, flôr!...

E veiu!... Um dia a tormenta  
Levou-a ás portas d'um pobre:  
De cada andrajo que o cobre  
Fez um diamante no ceu.  
De outra vez levou-a o vento  
Sobre a enxerga d'um doente,  
E apenas ella presente  
Bebeu-lhe o arôma... e viveu!

Depois seguiu o caminho  
Trilhado por infelizes;  
Tinha sangue nas raizes;  
Mas disse-lhe então Jesus:  
«Não pares, flor das tormentas!  
«Tu és a filha da aurora;  
«Se parasses uma hora,  
«Ficava o mundo sem luz.»

E foi a pobre e coitada,  
De abysmo por sobre abysmo.  
Os prantos são-lhe baptismo,  
E os temporaes galardão!  
Onde derrama o perfume,  
Converte em riso a agonia!  
E a propria rocha bravía  
Transforma n'um coração!...

E' esta flor d'amargura  
A que me inspira, senhores,  
Por essa esteira de horrores,  
Que a cheia veiu trazer:  
Para esses mil inundados,  
A quem roubou a torrente  
O tecto e o pão de repente,  
Peço uma esmola qualquer.

DR. ADRIANO A. DE S. P.

### BRAGA

Está situada a cidade de Braga na margem direita do rio Este, ficando-lhe o rio Cavado a uma legua para o norte. Circundam-na frondosos arvoredos, e cobre-a um ceo alegre e risonho—sobreposto n'um horizonte amplo e vistoso.

Perde-se na escuridade dos tempos a fundação d'esta cidade augusta, capital da archidiocese primaz das Hespanhas e da formosissima provincia do Minho — com rasão cognominada a *Mesopotamia* de Portugal.

De *bracas*, vestuario peculiar d'um ramo da familia celtica—a que se dera por isso o nome de *bracatos*—é que se origina o nome que Braga tem.

Na conquista d'esta pelos romanos fizeram-se memoraveis os *brácaros*, pelo denodo e vigor na lucta contra as legiões da rainha do Tibre. Abateram por vezes o orgulho romano, fazendo recuar diante de si os chefes aggressores, e dando até a morte a alguns d'elles.

Nestes feitos patrioticos cabe ás matronas bracarenses um quinhão gloriosissimo.

Nas renhidas aggressões, travadas entre os barbaros do norte, e os mauritanos que os domaram, foi varia por vezes a sorte de Braga.

Côrte dos suevos, por longos annos; immortalisada com os concilios d'esses tempos, ora bonançosos, ora agitados; tomada e retomada por christãos e sarracenos; tragoú até ás fezes, nestas alternativas da eventualidade, o calix dos flagicios das cruezas da guerra.

Expulsos da peninsula os agarenos, foi Braga tributaria dos reis de Leão e Castella, senhores tambem do reino da Galliza.

Nesta sugeição permaneceu a rainha do Este—até, nos fins do seculo XI, D. Affonso VI a doar a sua filha D. Thereza, esposa do conde D. Henrique de Borgonha.

Durante o longo periodo memorado, recebeu a cidade de Braga as luzes do Evangelho, donde lhe advem a honrosa primazia com que se illustra.

Não cabe nos limites d'uma succincta ementa topographica o descer-se a individuações.

Não é no entanto para pretermittir, que, na dominação dos romanos—longa como foi—nunca os dominadores do mundo a deixaram de honrar, não só com o titulo de *Bracara Augusta*, senão ainda com virem habitar n'ella numerosas familias da cidade das sete collinas.

Fizeram-na então cabeça de convento juridico, dando-lhe em sugeição importantes povoações.

As lapides romanas, esparsas no territorio do seu districto—alem das erigidas no recinto da cidade, no campo das Carvalheiras—serão sempre os memoraveis padrões do esplendor da perola do Minho, em tempos tão remotos.

Resahе sobremodo, nas glorias bracaraenses, o preferir Decio Junio Bruto, domador dos *callaicos* em geral, o poder cognominar-se **VENCEDOR D'ESTES POVOS**—em que os *brácaros* eram dos principaes—em logar das honrarias do **TRIUMPHO**, a que lhe davam jus as suas conquistas luzitanas.

Em relação á egreja bracaraense—celebrada até os mais dilatados confins do mundo—seria impossivel passar em silencio a gloria singular que mais a enobrece.

E' a honra de contar na longa e magestosa serie dos seus prelados:—sanctos que os agiologios memoram,—papas e cardeaes, de que se gloria a curia pontificia,—monarchas, de que não se esquece o nosso reino,—reformadores e ampliadores de Braga, largamente decantados na fama,—e escriptores abalisados nas letras, a quem o mundo jamais deixará de tributar a veneração devida.

Visella.

ARTHUR DE FREITAS.

## QUADROS

### IV

#### *Crime?*

Hia adiantada a noute e as ruas da cidade Como as ruas feraes d'um grande cemiterio, Tinham um não sei que de mystico e funerario... Tão grande era o silencio e triste a escuridade!

Quem fosse interrogar n'aquella soledade As trevas d'uma esquina, ali... fundo mysterio, No chão abandonado um ser mimoso, ethereo, Veria agonisante... e ao longe, á claridade

Do gaz d'um candieiro, um vulto de mulher, Como fugindo a *alguem*, correndo como louca E dizendo consigo: E' Deus que assim o quer....

Deus, não, mulher do povo! é o mundo vil que apouca

Das Mães a condição... que um só vintem sequer, Não te levou á choça onde a abundancia é pouca.

Porto.

TEIXEIRA DE CARVALHO.

## D. JOÃO II

(*Conclusão*)

—Louvei o caracter de vossa d'altesa, disse Vasco da Gama, em quem reconheço amor da gloria e desejo de fazer prosperar o paiz que governa. Estão lançadas as bases para as grandes descobertas maritimas; parar agora com ellas, seria cortar a gloria mais esplendida d'esta nação. Não fallecem nos nossos nem o genio aventureiro, nem a vontade de se sacrificarem, se preciso fôr, pela sua patria e pelo seu rei. Nem as ondas embravecidas contra os nossos galeões, nem o numero e ferocidade de estranhas gentes nos farão empallidecer.

Acenam-nos de longe as glorias alem-mar, e quando aprouver a vossa altesa, iremos colher virentes louros, com que posamos adornar as quinas sagradas da patria.

D. João estava radiante de alegria. As palavras que acabara de ouvir d'aquelles seus vassallos, haviam tocado a corda mais sensivel do seu coração—o esplendor do seu reinado, baseado nas grandes empresas maritimas.

—Foi muito do meu aprasimento, disse el-rei, ouvir as vossas opiniões á cerca das novas conquistas que intento levar a cabo. Começa ainda agora o meu reinado, e espero na protecção divina, que uma era de gloria raiará para este paiz. Mandeir reunir cortes em Thomar, porque quero ouvir a voz da nação, pela bocca dos seus procuradores. Pretendo fazer justiça a todos, e depois mandarei proseguir nas des-

cobertas d'alem-mar; mas o estado precario em que encontro a nação, não me deixa realisar tão breve o meu intento como desejava: no entanto la chegaremos, e de vós fio, que o amor da patria dominará os vossos corações, quando bater a hora, em que, levados em frageis lenhos, fordes colher entre mil perigos as palmas da victoria.

D. Francisco de Almeida, que tinha ouvido em silencio aquella animada discussão, adiantou alguns passos para el-rei, e disse com vivissimo enthusiasmo:

—Depois de Deus, pertencem a vossa alteza as nossas vidas e fazendas; disponha d'ellas vossa alteza como for do seu real agrado, que promptos somos em nos sacrificar pelo esplendor do throno portuguez.

—Mercês vos devo, senhores; mas por enquanto só posso ordenar o que ides ouvir. E voltando para Garcia de Rezende, continuou: abri, meu amigo, esse livro e escrevei o que passo a dictar-vos.

O joven poeta tomou a penna e dispoz-se a escrever. D. João depois de meditar alguns instantes disse:

—Mandarei ainda este anno preparar alguns navios que levem os aprestes precisos para se fundar uma fortaleza na Costa da Mina. A essa expedição darei por commandante a Diogo de Azambuja, de cuja lealdade muito confio.

O novo agraciado, foi ajoelhar aos pés do seu monarcha, beijando-lhe a mão em signal de reconhecimento.

Momentos depois, el-rei acompanhado por sua virtuosa esposa, recolhia-se aos seus aposentos particulares, por entre aquelles seus leaes portuguezes, que mais tarde inscreveram seus nomes a par dos homens mais illustres de Portugal.

SOARES ROMEO JUNIOR.

## DECADENCIA

Pela encosta do monte que domina  
Distinctamente os campos e a cidade,  
Vou espalhando as mágoas e a saudade  
Ao vento vario, quando o sol declina.

Profundos golpes d'uma espada fina  
Abrem-me o peito, que a desgraça invade;  
Tristes lembranças d'um amor que hade,  
Ou tarde ou cedo, vir trazer-me a ruina.

Se tu souberas como esta alma ardente,  
A' frouxa e rubra luz do sol poente,  
Anceia se te avista no mirante...

Não te escondias tanto, porque em summa,  
Era não ter contemplação nenhuma  
Com o vassallo que já foi reinante!

Lisboa.

FRANCISCO DE MENEZES.

## O CHOCOLATE.

### III

(Continuação)

São muitos os seus consumidores em toda a Europa: e na verdade com justiça se elle é puro, pois que não ha outra bebida mais alimentar, que se lhe equipare, entre estas que usamos quotidianamente ás nossas horas da refeição da manhã.

O cacáo, de que se fabrica esta bebida, é a fava ou semente do cacaoiro (*theobroma cacáo*), familia das malvaceas, ou com mais exactidão das byttinaceas, que muito se lhe assimilha.

Cultiva-se esta preciosa arvore no Mexico, na Colombia, Guatemala, Brasil, Antilhas, e na Africa.

Segundo diz Fonsagrives, tem o seu perfeito desenvolvimento aos 5 annos, e produz aos 20 ou 25.

E' esmeradissima a sua cultura, e ás vezes não dá os resultados desejados, pelo que se têm um pouco desleixado della os cultivadores. Na nossa Africa muito pouco se cultiva o cacáo.

Pela ordem do seu valor citaremos os seguintes: O soconusco, ou cacáo de Montezuma; o caraca; o maracaibo; o cayena; o cacáo das ilhas, etc. etc.

E' preciso ter muita cautella nas fraudes, quando se compram estas sementes: pois do bom cacáo é que de certo depende o bom chocolate.

Diz-nos a analyse chimica, que a semente contém os principios seguintes: materia gorda ou manteiga; substancias azotadas; cafeina ou theobromina; amido e arôma. A's vezes, das misturas dos varios cacáos é que depende o bom chocolate. Nem só com o puro caraca elle se poderia fabricar, pois que o seu custo seria exorbitante. A pratica é que muito serve n'estes casos; e sempre deverêmos procurar as ca-

sas acreditadas. Leis severas deviam ser postas em pratica pelas auctoridades, afim de que acabassem as sophisticacões, que tanto hoje estamos vendo, ainda em nosso paiz. Nós não exigimos que se empregue o cacão de primeira qualidade, pois que então o preço do chocolate seria exorbitante, mesmo para as mais bem recheiadas bolsas; mas queremos que se não substitua o cacão por amendoas, pelo sebo de vitella em logar de manteiga de cacão, pelas feculas de milho, de batatas, de gomma, de dextrina. Até se tem introduzido, e bem fraudulentamente, o tijolo pisado, o minio, o cinabrio, a oca, etc.—E não é este um meio de publico envenenamento?

E não devem, tornamos a repetir, haver severas leis, que punam tantas fraudes, tanto desleixo! E não devem todos os meus collegas, e auctoridades sanitarias, estarem áleria?

Para que envenenar pouco a pouco o publico, que nada entende?

Para que servem a analyse chimica e o microscopio? E' a estes meios que devem recorrer as auctoridades competentes: e haja nas cabeças de districto todos os instrumentos, e os precisos reactivos, tão necessarios principalmente na presente epoca, em que as fraudes tanto vão continuando com prejuizo do publico, o qual quasi sempre soffre pela inexperiencia.

O chocolate é uma mistura de sementes de cacão torradas e reduzidas a pó, de assucar e de um aroma—quasi sempre a baunilha ou a canella; raras vezes o ambar. O cacão (manteiga) é que deve ser puro; todas as fraudes n'este sentido tem inconvenientes. Quem substitue pelos oleos ou pelas gorduras animaes esta manteiga, que facilmente se torna rançosa, vae por força transtornar a bebida.

Nas pharmacias é que deve haver grande escrupulo, pelo que respeita á confecção dos chocolates, principalmente dos *celebres* chocolates de saude, que a maior parte da vezes saem adulterados. Deve haver toda a cautella na sua escolha, como na dos vinhos medicinaes—do Porto—da Madeira—de Xerez—de Malaga—os quaes muitas vezes são sophisticados, e os doentes enganados. Que todos os pharmaceuticos sigam os exemplos d'um Barral, d'um Azevedo, d'um Albano, e de tantos outros, como um José de Paiva Cardoso, de Leiria, o qual procura sempre surtir a sua botica com todo o esmero: podendo nós dizer, que cumpre á risca com as prescri-

ções medicas, e que não engana. E' a consciencia um dos primeiros deveres de todos os que vendem, e que desejam enraizados creditos.

Não acreditemos nos pomposos annuncios dos jornaes. *Latet, anguis in herbis* a maior parte das vezes, e quem soffre é o publico.

As taes panacêas univêrsaes, e tão da moda, devem ser examinadas. Muitas vezes não surtem os effeitos, que os seus auctores apregõam; e isto por fim produz máo effeito no publico. Quanto ás vezes mais se apregõa o bom e o bello de qualquer composiçãõ, tanto mais se cae no ridiculo. Mas infelizmente o nosso povo quer seguir a moda, e olha só para as exterioridades. Vê os objectos atravez dos vidros colorados; e engana-se a maior parte das vezes.

O bom chocolate deve ter o cheiro aromatico e nada de rançoso. A cõr deve ser cinzenta escura ao quebrar. Deve o seu grão ser duro e homogeneo. Deve attender-se aos seus caracteres organolepticos.

O chocolate é bem digerido, se elle é bom e bem preparado. As mãos das hespanholas tão bem amestradas n'este mister fazem muito, porque tem a pratica. E' necessaria uma vasilha propria para fazer o chocolate e um lume adquado, evitando que elle se pegue ao fundo do vaso. E' necessario que se saiba marcar a quantidade precisa para cada chavena, e que a este respeito não haja economias, porque então transtorna-se a bebida. Evitae fazer o chocolate com leite. Por força será uma má bebida. As duas gorduras da manteiga de cacão e do leite—associadas—podem indigestar o estomago, e tornar de futuro esta bebida bem repugante a todos os paladares. Nada de chocolate com leite; faça-se apenas com agoa á hespanhola.

E' bõa bebida para os convalescentes: e da sua applicação aos nossos doentes temos tirado optimos resultados.

A baunilha e a canella são os melhores arõmas. Fugir do estoraque e do beijoim.—E que dirêmos da pimenta, do cravinho, e do gengibre que nas colonias juntam ao chocolate, isto é, ao cacão?

Lisboa.

DR. LINO DE MACEDO,

### REMORSOS

Eu não choro esses dias de ventura que no mundo vivi entre rosaes;

pois conheço que a dita dos mortaes,  
como a luz d'uma aurora, pouco dura.

Tambem me não contrange vã tristeza  
por na terra deixar entes leaes;  
como assim, dia menos, dia mais,  
todos lá irão ter á sepultura.

O que me pesa, sim, é que algum dia  
não desse a minha esmola a quem pedia,  
nem enxugasse o pranto ao infeliz;

e receio que, á hora derradeira,  
a mão de Deus terrível, justiceira,  
me surja a castigar o mal que fiz.

Monsão,

NUNES D'AZEVEDO.

## A EMBRIAGUEZ

(Ao meu amigo Manoel Antonio dos Santos).

Muitas são as causas que contribuem  
para a ruina da familia, para a perversão  
do individuo e para a completa e total  
perdição das sociedades.

Todos os vícios que directa ou indi-  
rectamente concorrem para esses tristissi-  
mos espectaculos que frequentemente con-  
templamos, provêm d'uma só origem — a  
ociosidade. O abandono do trabalho, o des-  
prezo da occupação diaria, que garante ao  
homem um abrigo seguro contra as investidas  
da fome, são os pedestaes em que se  
firmam os vícios, laços que apertam a  
creatura, forças que a impellem para o abys-  
mo da corrupção.

As classes menos abastadas, são geral-  
mente as que mais se entregam ao vicio  
da embriaguez, vicio tam funesto, que só  
elle contribue para a total perdição do  
homem, abrindo-lhe o caminho da prisão,  
preparando-lhe a valla no cemiterio.

A embriaguez, é vicio tam abominavel,  
tam abjecto, que, fazendo esquecer ao ho-  
mem o que de mais respeitavel existe, o  
expõe n'um verdadeiro estado de compai-  
xão... roto, livido, nú, idiota... repel-  
lente.

O uso demasiado das bebidas, que to-  
madas regular e precisamente contribuem  
para fortalecer e conservar, arrasta o in-  
dividuo a milhares d'abysmos, abrindo o  
enorme boqueirão onde se somem os sen-  
timentos generosos, e as virtudes que mais  
se deveriam prezar.

O homem acostumado á embriaguez, é

tam perigoso como o jogador; rouba, pa-  
ra saciar o seu desejo; espera, ancioso, o  
momento de trocar a officina pela taberna,  
o martello pelo copo, o santo convívio dos  
companheiros pela conversa aguardentada;  
e todas as suas attensões, se dirigem pa-  
ra o vinho, porque é nelle que se encerra  
a felicidade dos ebrios. Detestavel paixão!

E este vicio, como todos os outros que  
roem as entranhas da sociedade e amolle-  
cem seus fundamentos, partem directamen-  
te d'um só ponto—a falta d'instrucção.

Educado o povo, explicando-se-lhe o  
evangelho da honra e o codigo dos seus  
deveres, dando-lhe luz e trabalho, affectos,  
caridade e amor, elle envergonhar-se-hia  
de praticar acções que o degradassem, e  
tremeria diante da responsabilidade que  
assumiria. A ignorancia nada prevê e tudo  
facilita; o homem commette um crime, e  
commette-o ás vezes inconscientemente;  
estava em trevas, nada via; se lhe fizes-  
sem luz, elle tremeria então conhecendo  
a gravidade da culpa.

FIRMINO PEREIRA.

(Continúa)

## A TI

Sabendo que soffres, vejo  
Redobrar meu sofrimento,  
Quando te envio um suspiro  
Nas azas do pensamento.

Mas ames-me tú embora  
Com affeição terna e pura,  
Eu sinto no imo d'alma  
A dolorida amargura!

Dizem muito os teus olhares,  
Dizem muito os gestos teus;  
Mas nem só uma palavra  
Que me eleve até aos ceos...

Sej que entre nós envencilha  
Tramas imigo traidor:  
Mas se o amor tem sempre lucta,  
Quero a lucta d'este amor.

Se vier cruel fadario  
Aos meus affectos roubar-te,  
Poderei morrer de mágoa,  
Mas nunca deixar d'amar-te.

Por Deus! acaba a incerteza  
Que tão fundo me tortura:  
Uma só tua palavra  
Me faz a minha ventura.